

Rede pelo Clima: a Baixada Santista unida pela justiça climática

Climate Network: Embroidering Climate Justice in Baixada Santista — A Visual Essay

doi 10.64493/INV.22.6

Luciana Arruda Campos Rodrigues
Pedagoga, Pós-Graduada em Alfabetização e Letramento, Professora aposentada da Prefeitura de Santos, São Paulo, Brasil. Voluntária do Projeto Cartografias Têxteis.

Flávia Liberman
Terapeuta Ocupacional, Professora Associada do Curso de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde - Departamento Saúde, Clínica e Instituições - Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista, Santos, São Paulo - Brasil

Thaís Aparecida Peral
Terapeuta Ocupacional, Mestre em Ciências da Saúde pela UNIFESP, Professora Substituta Departamento Saúde, Clínica e Instituições - Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista, Santos, São Paulo - Brasil

artigo recebido: 22.02.2026

artigo aceite para publicação: 23.03.2026

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Rodrigues, L; Liberman, F.; Peral, Thaís (2026). Rede pelo Clima: a Baixada Santista unida pela justiça climática. *Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*. <https://doi.org/10.64493/INV.22.6>

Resumo

Este ensaio visual apresenta o relato de um processo artístico e educacional desenvolvido no âmbito da Rede pelo Clima, iniciativa do Instituto Procomum voltada ao enfrentamento das mudanças climáticas na Baixada Santista. O grupo responsável pela construção da agenda comunitária optou por realizar um diagnóstico qualitativo por meio de uma roda de bordado, utilizando a arte como ferramenta de escuta sensível, mobilização e sistematização de propostas. A experiência reuniu moradores de um território vulnerabilizado por impactos ambientais e produziu um mapeamento afetivo de medos, sonhos, demandas e sugestões para políticas públicas. O texto discute o bordado como dispositivo político-poético de participação social, fortalecendo o pertencimento, a consciência ambiental e a responsabilidade coletiva pelo território, em diálogo com o pensamento de Ailton Krenak.

Palavras-chave: arte e política; justiça climática; bordado; participação social; território.

Abstract

This visual essay presents an account of an artistic and educational process developed within the Climate Network (Rede pelo Clima), an initiative aimed at addressing climate change challenges in the Baixada Santista region, Brazil. The group responsible for building the community agenda conducted a qualitative diagnosis through an embroidery circle, using art as a tool for sensitive listening, mobilization and civic engagement. The experience gathered residents from a territory affected by environmental impacts and produced an affective mapping of fears, dreams and proposals for public policy. The text discusses embroidery as a political-poetic device for social participation, strengthening belonging, environmental awareness and collective responsibility for the territory, in dialogue with the thought of Ailton Krenak.

Keywords: art and politics; climate justice; embroidery; social participation; territory.



Imagem 1- As cores da manifestação gentil - Fotografia de Juliana Moura Santos

Introdução

O Instituto Procomum¹ é uma ONG do Brasil que cria metodologias por meio do laboratório cidadão para desenvolver o bem comum. Para a proposta dos enfrentamentos climáticos, criou a Rede pelo Clima, www.redepeloclima.procomum.org, uma iniciativa de mapeamento qualificado de atores, de grupos que desenvolvem trabalhos e pesquisas voltados ao enfrentamento dos eventos climáticos. Em colaboração com o Plano Municipal de Ação Climática de Santos (PACS), em parceria com a Secretaria do Meio Ambiente (SEMAM e SECLIMA), realizaram um Laboratório para atender ao eixo de governança. Por meio de um chamado público, o Procomum convidou membros da sociedade civil, especialistas e agentes para compor grupos, com o objetivo de criarem propostas de ferramentas para soluções frente às crises climáticas. Foram selecionadas 15 pessoas. O protótipo previa um recurso para cada grupo testar sua proposta junto às lideranças comunitárias. A seletiva contemplou pessoas com diferentes formações e protagonismos nas áreas ambiental, social e educacional, a fim de compor três grupos de atuação: governança e participação na gestão climática; fortalecimento da agenda comunitária; e portfólio de soluções inovadoras, com o objetivo de enfrentar os desafios das mudanças climáticas e promover a justiça climática na Baixada Santista a partir de uma rede colaborativa.

Fizemos parte do grupo responsável pela construção da agenda comunitária e optamos por desenvolvê-la por meio de uma roda de bordado. Mais do que um recurso metodológico, o bordado foi compreendido como prática de encontro, escuta e elaboração coletiva, capaz de entrelaçar memórias, experiências e percepções sobre o território. Assim, bordar tornou-se também uma forma de pensar e narrar a justiça climática a partir das vivências da comunidade. Nosso objetivo foi promover uma escuta sensível sobre o enfrentamento da crise climática, território e cidadania das comunidades. Por meio dessa escuta e da leitura da produção, realizamos um microdiagnóstico afetivo do território, mapeando medos, necessidades, sonhos e esperanças de futuro, além de promover o engajamento na busca de soluções para o bem comum.

A roda aconteceu em uma associação de capoeira situada em um território que já sofreu com deslizamentos de terra, enchentes, ilhas de calor, falta de água e poluição. Participaram pessoas entre 5 e 54 anos, com predominância de crianças e adolescentes, em uma população majoritariamente negra. O diagnóstico responde ao problema da participação social na formulação de políticas públicas.

¹ O Instituto Procomum é uma organização da sociedade civil voltada ao desenvolvimento de tecnologias sociais e metodologias de aprendizagem e ao estímulo da inovação cidadã. A busca por formas inovadoras e experimentais de informar, engajar e mobilizar pessoas orienta nosso trabalho. Apostamos na democracia e no engajamento comunitário para a reconstrução de dinâmicas sociais, econômicas e políticas nos territórios. Para saber mais acesse: <https://procomum.org/>



Imagem 2- Um espaço para a expressão e escuta - Fotografia de Hércules Reis Machado

Realizaram esse trabalho Luciana Arruda Campos Rodrigues (professora da Prefeitura de Santos), Hércules Reis Machado (Engenheiro da Defesa Civil de Santos), Juliana Moura Santos (Engenheira da Prefeitura de Santos), Bárbara Aguiar (Terapeuta Ocupacional da Prefeitura de Santos), Yago Wesley Gonçalves (Capoeirista e músico), sob coordenação de Mauro Fecco.

Relato da roda.



Imagem 3 - A grande roda - Fotografia do Yago Wesley Gonçalves

O trabalho foi planejado coletivamente. Elaboramos questões disparadoras sobre memória climática, direitos, sonhos e mobilização social. Distribuímos tesouras, retalhos de juta, linhas, agulhas e canetas — valorizando a produção autoral.



Imagem 4 - Um gesto - Fotografia de Bárbara Aguiar

Foram três horas de envolvimento, compromisso e responsabilidade. Inicialmente, muitos não acreditavam em seu potencial criativo; aos poucos, foram encorajados a iniciar. A roda dialogada mobiliza emoções, tradição, ancestralidade, sonho e projeto. É uma manifestação gentil que anuncia — ou denuncia — realidades. O bordado produz suturas no tecido, e o ato de bordar transforma temas em processos de autocuidado e elaboração coletiva. Trabalha-se com nós, linhas, escolhas e direções. Assim como na vida, podemos conservar, transformar ou desatar. As metáforas entre bordado e existência são permanentes. Quando pensamos no bem comum, estamos falando de política. Perguntamos: o que anunciar? O que denunciar? Quais são os sonhos para o nosso território? Nesse sentido, dialogamos com Ailton Krenak quando afirma que “não se trata de salvar o planeta, mas de salvar a nossa capacidade de habitar o mundo” (KRENAK, 2019, p. 23). Habitar o mundo é reconhecer que não estamos separados da Terra, mas implicados nela. Ao afirmar que fomos “descolados da Terra” (KRENAK, 2019), o autor aponta para a raiz simbólica da crise ecológica contemporânea.



Imagem 5 – Somos todos Natureza - bordado de participantes do grupo - Fotografia de João Caldas

Krenak nos convida ainda a “adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019), ampliando nossas narrativas e reinventando modos de existência que escapem da lógica da exploração ilimitada. A roda de bordado pode ser compreendida como um exercício de adiamento: um espaço onde outras formas de convivência e escuta são experimentadas.

Ao afirmar que “a vida não é útil” (KRENAK, 2020, p. 9), Krenak critica a redução da existência à produtividade. O tempo da roda — aparentemente improdutivo — revela-se tempo de elaboração simbólica e política, produzindo vínculos, consciência e responsabilidade coletiva.

Registro de nossa escuta

De ponto em ponto, registramos a potência da nossa manifestação. Mapeamos o que é mais sensível para a população e acreditamos que a continuidade do processo fortalece a cidadania.

O fato de levarmos os bordados, para exposições em diferentes espaços, fez com que compreendessem o poder da voz coletiva, a importância de contarmos uns com os outros. Demonstraram emoção, entusiasmo e gratidão pela oportunidade e pelos desdobramentos dessa ação.

Destacamos o protagonismo e a percepção de responsabilidade manifestadas na fala e na produção artística. Os bordados anunciaram que plantar árvores é plantar vidas. Toda mobilização é necessária para tornar Santos mais verde.



Imagem 6- Plantar árvores é plantar vidas - bordado de participantes do grupo - Fotografia de João Caldas

“O mar precisa ser protegido. O oceano é vida.”



Imagem 7- Bordar as águas - bordado de participantes do grupo - Fotografia de João Caldas

“A consciência ambiental se desenvolve e se aprende.”

“Cuide de um lugar.”

“Devemos cuidar do planeta como cuidamos do nosso coração.”



Imagem 8 - Desmatar é Matar o Futuro - bordado de participantes do grupo - Fotografia de João Caldas

"Saneamento básico é saúde pública. Quando jogamos futebol, a água do canal inunda o campo e sentimos coceira. Precisamos de contenção."

"Não queremos lixo na água. O lixo deve ser encaminhado para o local correto, a população deve ser educada e o poder público precisa cumprir o seu papel."

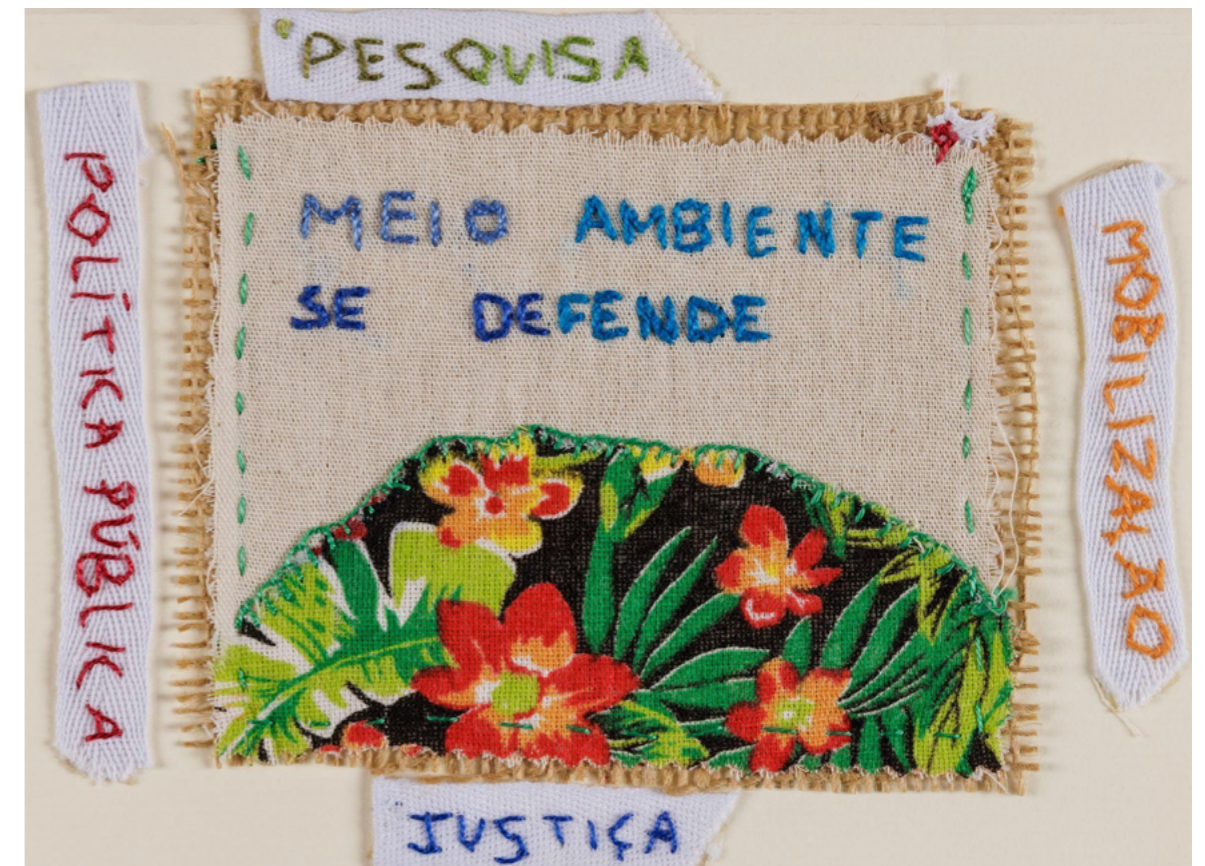


Imagem 9 - Cada um precisa cumprir seu papel - bordado de participantes do grupo - Fotografia de João Caldas

“O nosso território já sofreu com deslizamentos de terra. Algumas pessoas perderam o patrimônio; outras perderam a vida.”

“Não queremos esgoto e lixo nos canais.”



Imagem 10 - Canal limpo, cidade viva -bordado de participante do grupo - Fotografia de João Caldas

A água foi citada como fonte de vida, alimento, lazer e trabalho, mas também como motivo de medo diante dos alagamentos e deslizamentos. Demonstraram consciência ambiental e preocupação com drenagem, saneamento, infraestrutura e direito à cidade. Ficou evidente a valorização das áreas verdes e o desejo de preservar o meio ambiente, associando-o ao bem-estar e à responsabilidade coletiva.

Tudo se relaciona. O equilíbrio é fundamental.

Tanto a roda de bordado quanto o cuidado com o planeta se dão no coletivo.

Precisamos de cooperação, compromisso e ativismo.

Essa percepção ecoa a compreensão apresentada por Krenak, para quem a Terra não é um recurso, mas um organismo vivo com o qual estabelecemos relações de reciprocidade (KRENAK, 2019). A crise climática revela, antes de tudo, uma crise de relação.



Imagem 11 - Encontros - Bordados de participantes do grupo - Fotografia de João Caldas

Considerações finais

A experiência da roda de bordado evidencia que a justiça climática se constrói também por meio de gestos cotidianos de escuta, partilha e criação coletiva. Ao bordar, reatamos fios entre corpo e território, memória e futuro, dor e projeto. Se precisamos “adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019), talvez isso comece por sustentar espaços em que possamos imaginar outros modos de existência. Ao reconhecer que “a vida não é útil” (KRENAK, 2020), reafirmamos o valor de práticas que produzem sentido, vínculo e responsabilidade coletiva. O bordado torna-se, assim, gesto político: um modo de permanecer, resistir e reencantar o mundo a partir do território vivido.

Referências Bibliográficas

- Krenak, A. (2019) *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020) *A vida não é útil* (1ª ed.) São Paulo: Companhia das Letras



Imagem 12 - Cuidando do Território - bordados de participantes do grupo - Fotografia de João Caldas